

Minions



Já em cartaz, **“Minions & Monstros”** reafirma o poder comercial da **Illuminati Studios**, que transformou as **pequenas criaturas** amarelas numa grife global bilionária e **agora ocupa até os espaços mais prestigiados da animação**, como o Festival de Annecy. Página 2

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Coadjuvantes em “Meu Malvado Favorito” (2010), que gastou US\$ 69 milhões para ser feito e faturou meio bilhão de dólares, os Minions viraram paixão global entre crianças e gente grande. Chegaram ao ponto de virar no Brasil sinônimo de gente facilmente manipulada. Já está em cartaz nos cinemas, a nova aventura dessas criaturinhas amarelas, fã de vilões, cuja composição química tabela periódica alguma explica. E voltam cancelados pela Cannes dos desenhos animados.

Quando os organizadores do Festival de Annecy escolheram a mais recente peripécia dessa turminha amarela - “Minions & Monstros”, de Pierre Coffin, para abrir sua edição de 2026, de 20 a 27 de junho, o gesto foi interpretado por muita gente como uma rendição da mais prestigiosa vitrine artística da animação mundial à lógica dos blockbusters. Tal interpretação é um indício de miopia simbólica.

O que aconteceu na cidade francesa foi o reconhecimento de uma grife criativa: nenhuma marca animada produzida no Ocidente, que tenha aparecido nos últimos 20 anos, exerce hoje tanto poder comercial quanto os personagens da Illumination Studios.

O longa-metragem atual, exibido em sessão especial de abertura em Annecy, foi recebido com ardor por uma plateia lotada. Agarrou o coração da crítica em segundos e já desponta como um potencial concorrente ao Oscar. Com o mimo de Annecy, a Minionmania adentra um espaço tradicionalmente associado à experimentação estética e à descoberta de novos talentos.

O simbolismo da escolha tornou-se ainda maior quando se nota o percurso de Annecy numa edição marcada pela consagração de narrativas com forte influência asiática, como “The Violinist”, de Singapura, vencedor de sua competição oficial. O Brasil esteve lá com pepitas como “O Filho da Puta”, que traz o veterano gaúcho Otto Guerra em sua confecção.

De um lado, estavam as pequenas animações indies que continuam renovando a linguagem do setor. Do outro, uma franquia bilionária. Segundo dados internacionais consolidados, o universo formado por “Meu Malvado Favorito” e os filmes derivados dos Minions ultrapassou a marca de US\$ 5,6 bilhões em arrecadação global antes mesmo da estreia do novo capítulo. Junte aí tudo o que venderam em lancheiras, roupas, bonecos e até guloseimas.

A história da Illumination, a empresa que inventou essa turminha, começou em 2007, quando Chris Meledandri deixou a Fox para fundar um estúdio baseado numa ideia simples: produzir animações mais



Numa brincadeira com o próprio cinema, o novo Minions pode arrecadar US\$ 1 bilhão

Os pequeninos bilionários do universo da animação



O FENÔMENO MINIONS EM NÚMEROS

“Meu Malvado Favorito” (2010)	US\$ 544,7 milhões
“Meu Malvado Favorito 2” (2013)	US\$ 975,2 milhões
“Minions” (2015)	US\$ 1,157 bilhão
“Meu Malvado Favorito 3” (2017)	US\$ 1,033 bilhão
“Minions: A Origem de Gru” (2022)	US\$ 937,7 milhões
“Meu Malvado Favorito 4” (2024)	US\$ 986,7 milhões

baratas que as da Pixar e da Disney, mas igualmente capazes de atingir audiências globais. O primeiro teste veio em 2010 com “Meu Malvado Favorito”. O resultado foi imediato. A aventura do vilão Gru arrecadou US\$ 544,7 milhões no mundo e lançou uma das propriedades intelectuais mais lucrativas do século

XXI. O campeão individual continua sendo “Minions”, lançado em 2015, com arrecadação superior a US\$ 1,1 bilhão.

O mais impressionante é a regularidade. Enquanto outras séries sofrem oscilações drásticas entre um lançamento e outro, praticamente todos os filmes da franquia orbitam

entre US\$ 900 milhões e US\$ 1,1 bilhão... e com um custo pequeno para o padrão do setor no âmbito das superproduções. Seu gasto foi de US\$ 89 milhões. Para Hollywood, na equalização entre custo e receita, isso equivale a encontrar uma mina de ouro que se renovar a cada dois ou três anos.

A influência da Illumination, porém, vai muito além de Gru e seus ajudantes amarelos. O estúdio construiu sucessos como “Pets – A Vida Secreta dos Bichos”, “Sing”, “O Grinch” e, sobretudo, “Super Mario Bros. – O Filme”, que redefiniu o potencial comercial das adaptações de videogames e abriu uma parceria estratégica com a Nintendo. “Super Mario Galaxy” foi o único título lançado de janeiro para cá a passar da fronteira do bilhão. “Toy Story



Pierre Coffin em Annecy: o francês assina a direção do mais novo longa da franquia

5”, que já arrecadou US\$ 594 milhões, pode chegar lá também, mas não será fácil.

O sucesso da Illumination coincide com uma transformação profunda do mercado mundial da animação. Durante décadas, Disney e Pixar ocuparam praticamente sozinhas o topo da cadeia alimentar do setor. Hoje, a disputa envolve uma pluralidade de modelos. O Japão domina o consumo juvenil com seus mangás adaptados para o cinema e a televisão. A França continua a funcionar como laboratório artístico do Ocidente. A China investe pesadamente em produções digitais de grande escala, como “Ne Zha 2: O Renascer da Alma”, o maior êxito de bilheteria de 2025, com US\$ 2,2 bilhões de arrecadação. Por sorte, festivais como Annecy tornaram-se espaços onde pequenas produções conseguem dialogar com gigantes da indústria.

É justamente nessa convivência entre arte e mercado que reside a força atual da animação de Pierre Coffin, diretor francês que emprestou sua voz aos Minions. Em seu retorno às telonas, eles estão à cata de uma criatura assustadora com quem possam rodar um longa de terror. Como são abilolados até dizer chega, eles conseguem desenrolar as ataduras da múmia e dar alho ao Drácula. O riso vem daí.

Quem é rei (do pop)

não perde a majestade

Nas raias de faturar US\$ 1 bilhão, 'Michael' se firma como a biopic mais rentável da História

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Falta um peteleco para "Michael" cruzar a raia dos filmes que arrecadaram US\$ 1 bilhão, marca só alcançada, este ano, pela animação "Super Mario Galaxy". Com os US\$ 978 milhões em sua receita atual, o longa-metragem de Antoine Fuqua (da franquia "O Protetor") há se estabelece como a biopic (épico biográfico) mais rentável da História, embora tenha vencido o segundo lugar, o oscarizado "Oppenheimer" (2023), só por alguns milhares de dólares. Com a renda que tem hoje, a produção já é considerada um potencial concorrente ao Oscar, apesar da marola de mimimi em torno de sua dramaturgia.

Falou-se mal — injustamente, para muitos espectadores — da cinebiografia do Rei do Pop, sob a suposição de ela de suavizar passagens controversas da trajetória do cantor de "Thriller" e "Beat It". Apesar disso, o público de Michael Jackson (1958-2009) soube acolhe-la mimá-la, consolidando-a como um dos grandes fenômenos de 2026 nas telas. Sua arrecadação invejável coroa uma trajetória que começou na mira do risco (de fiasco) dado o tanto de más línguas a alfinetá-la. Em seus primeiros dias de exibição, o longa estrelado por Jaafar Jackson arrecadou mais de US\$ 217 milhões mundialmente, com 7 milhões de ingressos vendidos no Brasil, sinalizando que havia algo especial em sua conexão com o público.

Nas salas de cinema, a reação continua a impressionar. Em diversos países, espectadores levantam-se das poltronas para dançar durante as sequências musicais. O fenômeno tem sido alimentado tanto por fãs que acompanharam o auge do astro quanto por uma geração mais jovem, que descobriu sua música por meio das plataformas digitais. Grande parte desse êxito repousa sobre os ombros de Jaafar Jackson,



Glen Wilson/Lionsgate



Glen Wilson/Lionsgate

Nia Long e Jaafar Jackson encontraram a química de mãe e filho do ídolo por trás de 'Beat It'

Juliano Valdi encarou o desafio de ser Michael na gênese do Jackson Five

“Eu me olhava no espelho e, às vezes, conseguia me convencer de que aquele giro tinha saído exatamente como ele faria. Mas isso não aconteceu de uma hora para outra. Eu repetia os movimentos inúmeras vezes. Foi a repetição que me preparou”

JAAFAR JACKSON

sobrinho do cantor, que encarou a difícil missão de reproduzir um dos corpos mais reconhecíveis da cultura pop. Em conversa com este repórter, ele explicou que a preparação foi muito mais emocional do que técnica.

“Foi uma das partes mais desafiadoras da construção do personagem. Estamos acostumados a ver Michael no palco, com aquela ener-

gia única. O desafio era não simplesmente imitá-lo, mas sentir aquilo dentro de mim”, disse o ator ao Correio da Manhã, num webnário organizado com críticos e jornalistas.

Segundo o ator, foram necessários anos de treinamento para alcançar a confiança necessária. “Eu me olhava no espelho durante os ensaios e, às vezes, conseguia me convencer de que aquele giro tinha

saído exatamente como ele faria. Mas isso não aconteceu de uma hora para outra. Nos dois primeiros anos, nada era consistente. Eu repetia os movimentos inúmeras vezes, até não aguentar mais. Foi a repetição que me preparou.”

Jaafar também precisou modificar o próprio físico para reproduzir a silhueta do tio. “Eu era muito consciente do meu corpo no começo. Precisei entender a transferência de peso, perder peso para alcançar aquela estrutura corporal e desenvolver resistência para repetir uma mesma performance dez, quinze ou vinte vezes durante as filmagens.”

O resultado impressionou plateias e crítica. Em muitos momentos, a sensação é a de assistir ao próprio Michael ressuscitado diante das câmeras. Outro destaque da produção é Nia Long, intérprete de Katherine Jackson, a mãe do cantor. Para ela, a força da personagem reside justamente na discrição. “Katherine era uma mulher profunden-

te religiosa. Havia nela uma graça silenciosa e uma força que sustentavam toda a família. Muitas vezes as pessoas confundem silêncio com fraqueza, mas ela era extremamente poderosa”, disse ao Correio.

A atriz acredita que a matriarca dos Jackson foi determinante para a construção do legado musical mais bem-sucedido do século XX. “Quando finalmente a encontrei, disse a ela que nada disso existiria sem sua presença. Não haveria Michael Jackson, não haveria esse catálogo extraordinário de músicas que pertence ao mundo inteiro. Ela é a origem de tudo”, conta a atriz.

A meninice do astro também ganha destaque através da interpretação de Juliano Valdi, que confessou ter descoberto um lado pouco conhecido do cantor durante as filmagens. “Eu conhecia muito bem Michael adulto, mas sabia pouco sobre sua infância. Fazendo o filme, aprendi o quanto ele trabalhava duro. Era alguém completamente dedicado ao que fazia.”

Essa dedicação é justamente o eixo central da narrativa concebida por Fuqua. Em vez de concentrar-se nos escândalos que marcaram os últimos anos do cantor, o cineasta prefere revisitar sua infância nos Jackson Five, a relação difícil com o pai interpretado por Colman Domingo e a transformação de um menino talentoso em fenômeno mundial. Com linguagem que flerta frequentemente com o documentário, “Michael” recria apresentações históricas com um realismo impressionante. O resultado é um espetáculo cinematográfico de primeira grandeza. Nos cinemas, como nos palcos de outrora, o Rei do Pop segue reinando absoluto.

ENTREVISTA | EMIN ALPER

CINEASTA

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Entre as 51 láureas conquistadas em sua carreira como cineasta, de 2012 até hoje, o turco Emin Alper ostenta o Grande Prêmio do Júri da última Berlinale, materializado na forma de um Urso de Prata, como um aríete para fazer “Salvação” (“Kurtulus”) chegar a um público mais amplo do que seus filmes anteriores. “Abluka” (premiado no Festival de Veneza) e “O Conto das Três Irmãs” (condecorado em mostras na Bulgária e na Bósnia) fizeram sucesso e lhe abriram as portas de Cannes, onde exibiu “Dias Ardenes”, na briga pelo Prix Un Certain Regard de 2022.

Há, contudo, uma centelha de popularidade maior no longa-metragem mais recente desse diretor de 51 anos, já em circuito no Brasil. Ele nos leva a uma aldeia remota nas montanhas da Turquia, onde o regresso de um clã exilado reacende uma disputa por terras que se arrasta há décadas. Enquanto antigos ressentimentos voltam à superfície, Mesut (Caner Cindoruk), irmão do líder local, passa a ser atormentado por visões perturbadoras, às vésperas de se tornar pai. Com a certeza de que se tratam de avisos divinos, Mesut desafia as autoridades e insurge à frente de uma rebelião armada. Fã do diretor Yilmaz Güney (1937-1984), conhecido aqui por “Yol” (1982), Alper - hoje envolvido com a direção de uma série para a HBO Max - aponta o escritor Yasar Kemal (1923-2015), autor de “Contos Anatólicos”, como o pavimento inspiratório de sua elogiada obra, sobre a qual fala nesta conversa com o Correio da Manhã, via zoom.

Seu cinema costuma sugerir fatos trágicos mais do que mostrá-los. Em “Salvação”, porém, a violência ganha uma dimensão mais explícita, a ponto de desafiar a natureza silenciosa que costuma marcar sua filmografia. O que mudou aqui?

Emin Alper - Nos meus filmes, tenho o hábito de mostrar como uma catástrofe é construída e quais circunstâncias a tornam inevitável. Em geral, evito mostrar o momento exato da explosão, em parte por respeito às pessoas que sofrem com tragédias similares. Desta vez, fiz uma escolha diferente. Talvez porque a história tenha sido inspirada por acontecimentos muito concretos. Eu queria oferecer ao público um vislumbre da tragédia. Não mostrar tudo, mas permitir que ela

‘O mal nasce quando as pessoas acreditam possuir uma missão especial’



“Em meus filmes, procuro mostrar que o patriarcado beneficia os homens em muitos aspectos, mas os aprisiona”

fosse sentida de forma mais direta. Foi um desafio enorme, especialmente porque filmes de arte são difíceis de financiar na Turquia e cenas dessa escala custam caro.

Elementos sobrenaturais norteiam “Salvação”, mas eles também são uma perspectiva nova na sua obra. Como lidou com o fantástico?

Sempre quis trabalhar com sonhos e com uma dimensão misteriosa da experiência humana. No caso do meu protagonista, Mesut, tudo começa como algo individual. Ele é um homem atormentado, que acredita receber sinais através dos sonhos. Mas o que me interessa é mostrar como uma crença privada pode se tornar coletiva. Na tradição sufi, os sonhos têm uma importância enorme. E isso não acontece apenas no sufismo. Muitas tradições místicas enxergam nos sonhos uma forma de revelação. As pessoas de sua aldeia já desejam um novo líder antes mesmo de Mesut assumir esse papel. De certa forma, elas preparam a chegada desse líder. Os sonhos não surgem apenas do sobrenatural. Eles também refletem desejos coletivos. As pessoas precisam acreditar em alguma coisa e acabam projetando suas expectativas numa figura que supostamente recebeu uma missão divina. O perigo vem daí.

Ao assistir ao filme, é difícil não pensar em Shakespeare. Mesut lembra personagens como Macbeth ou Otelo. Houve uma alusão explícita a eles na sua escrita de roteiro?

Shakespeare era obcecado pelo poder e as suas consequências. Seus personagens são consumidos por essa obsessão e acabam conduzindo todos ao desastre. Vejo algo assim na jornada de Mesut. Ele é um homem cheio de defeitos, seduzido pela ideia de poder. A fim de preservá-lo, arrasta toda a comunidade para a tragédia, por acredita que está do lado do Bem.

Mesut é falho, imperfeito, mas tem arquétipo de herói. Que heroísmo o define?

Essa foi uma das questões mais difíceis do filme. Não existe um herói clássico em “Salvação”. Mesut é uma espécie de anti-herói ou talvez algo ainda mais sombrio. Eu queria entrar na mente de alguém capaz de cometer atos terríveis sem se enxergar como uma pessoa má. Sabia que a plateia não iria se identificar de cara com ele, mas queria entender sua lógica. **A tentativa de compreender o mal parece ser uma obsessão na sua obra. O**

que ela revela?

Ninguém acorda pensando que é uma pessoa má. Os líderes autoritários não acreditam que são maus. Os ditadores não acreditam que são maus. O Mal nasce quando as pessoas acreditam possuir uma missão especial. Quando acreditam estar defendendo algo sagrado, corrigindo uma injustiça, salvando uma comunidade. São ideias perigosas.

Seu filme dialoga diretamente com a Turquia contemporânea?

Sem dúvida. A Turquia é um país profundamente dividido. Existem divisões étnicas, religiosas e políticas muito fortes. Há tensões entre turcos e curdos, entre diferentes correntes do Islã e entre setores mais secularizados e grupos mais conservadores.

Apesar desse cenário, o cinema turco continua conquistando espaço internacional. Como você vê a situação da indústria cinematográfica em sua pátria?

O cinema turco cresceu muito nos últimos 20 anos. Existe um mercado comercial forte e também um cinema de autor relevante. Durante muito tempo, o Ministério da Cultura ajudou

a financiar filmes independentes. Eu mesmo comecei graças a esses recursos. Mas hoje estou numa lista informal que me cancela. Sou identificado como alguém da oposição, o que tira meu acesso aos fundos públicos. Felizmente, meus primeiros filmes tiveram êxito e eu consegui encontrar investidores privados. Mas isso está se tornando cada vez mais difícil. Existe censura nos mecanismos de financiamento e a inflação reduz o valor dos recursos disponíveis.

Qual foi o orçamento de “Salvação”?

Aproximadamente 800 mil euros.

A masculinidade é outro tema central da sua filmografia. Como ela aparece neste filme?

A masculinidade na Turquia é muito poderosa, mas também extremamente frágil. O poder traz responsabilidades difíceis de carregar. Muitos homens acabam se tornando inseguros, contraditórios e até violentos. Em meus filmes, procuro mostrar que o patriarcado beneficia os homens em muitos aspectos, mas os aprisiona. Algumas mulheres reproduzem os mesmos mecanismos de poder. O patriarcado é uma ideologia que aprisiona toda a sociedade.

Sesc RJ apresenta
Exposição

*MATS
BELLO
É
O
RIO
QUE
CORRE*

**Entre rios e entre saberes:
um convite ao encontro.**

Visite a exposição.

visitação

**28.06.2026
– 28.02.2027**

terça a domingo
e feriados

das 10h – 17h

local da exposição
Centro Cultural Sesc
Quitandinha - Petrópolis

**ENTRADA
GRATUITA**

Iniciativa

Apoio

Realização

2 0 2 6

**Festival
Sescde
Inverno**

 **CENTRO
CULTURAL
SESC
QUITANDINHA**

 **sesc**



Escrita por Scott Snyder e desenhada por Nick Dragotta, *Absolute Batman* tornou-se o maior fenômeno editorial do mercado americano desde a pandemia

Absolute para o alto e avante



Novo selo da DC Comics que redefine o Batman, a Mulher-Maravilha o Superman e outros ícones dispara nas vendas internacionais de quadrinhos e leva a concorrente Marvel a reagir

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Até 2025, quando o selo Absolute, da editora Panini Comics, chegou ao Brasil, sempre que se perguntava a um jornalista do Rio que quadrinho vende mais em nossas bancas, o guardião mascarado de Gotham City figurava na resposta, ainda que sempre precedido por um “mas...”: “quando se trata de revistinha para criança ou pra galera entre 15 e 20, o negócio é ‘Naruto’, é ‘One Piece’, são os japoneses”.

Essa resposta tomou novos rumos depois que a reconfiguração dos heróis conhecidos entre os brasileiros como os Superamigos (ou Liga da Justiça) — no caso, o Homem-Morcego, o Homem de Aço e a Princesa das Amazonas — foi submetida a uma revisão gráfica (e também dramaturgicamente) que redesenhou suas origens, seu visual, seus mundos e até seus códigos de justiça.

Não há dado relativo que modere o fenômeno em escopo mundial da saga Absolute, com seu Batman ao belo canto, tamanho GG, de lâminas afiadas em punho.

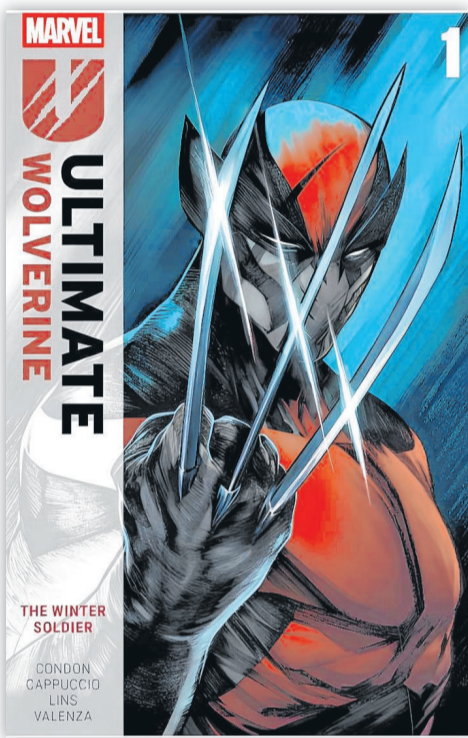
HQs MAIS QUENTES DO MERCADO DOS EUA EM 2026

1. “Absolute Batman” (DC Comics)
2. “Daredevil” (Marvel Comics)
3. “Absolute Superman” (DC Comics)
4. “Absolute Green Arrow” (DC Comics)
5. “Amazing Spider-Man - Death Spiral Saga” (Marvel Comics)

Ajax, o Caçador de Marte, foi por esse bonde adentro também, e hoje inspira um culto lisérgico em torno de um detetive que carrega um marciano em seu inconsciente. Tem um Flash novinho e uma nova saga dos Lanternas Verdes na qual o caráter de Hal Jordan, o mais famoso portador do anel esmeralda, sucumbe a uma força tenebrosa. Tudo isso vende. E vende muito.

Nos Estados Unidos, “Absolute Batman”, escrito por Scott Snyder e desenhado por Nick Dragotta, tornou-se o maior fenômeno editorial do mercado americano desde a pandemia. A edição de estreia ultrapassou as 400 mil encomendas no mercado direto especializado, número raro para uma





HQ contemporânea. Ao lado dela, “Absolute Superman”, de Jason Aaron, e “Absolute Wonder Woman”, de Kelly Thompson, passaram a frequentar regularmente o topo dos rankings mensais de vendas, deslocando inclusive alguns mangás que dominavam as listas havia anos.

O sucesso foi tão expressivo que a DC ampliou rapidamente o projeto. Além dos títulos já publicados no Brasil, o universo Absolute passou a incorporar personagens como o Flash, escrito por Jeff Lemire, o Lanterna Verde de Al Ewing e Jahnoy Lindsay, e o já citado Ajax, aqui tratado como Caçador de Marte, em saga de Deniz Camp e Javier Rodríguez. Tais lançamentos ajudaram a consolidar a ideia de que a linha não era um simples evento editorial, mas uma reconstrução completa do imaginário da editora para uma nova geração de leitores.

O fenômeno chama atenção porque surge num período em que os quadrinhos japoneses pareciam inalcançáveis. Desde a pandemia, séries como “One Piece”, “Naruto”, “Chainsaw Man” e “Jujutsu Kaisen” passaram a dominar livrarias em praticamente todo o planeta. O selo Absolute representa a primeira reação realmente consistente da DC Comics a esse domínio, apostando em versões mais agressivas, sombrias e visualmente ousadas de personagens que pareciam esgotados após décadas de continuidade.

Se a DC encontrou seu novo Batman, também prepara novos investimentos em personagens de segundo escalão. Entre

eles está o Arqueiro Verde. Embora a série “Absolute Green Arrow” ainda não tenha chegado oficialmente ao mercado brasileiro, o título já desperta enorme curiosidade entre leitores e colecionadores por sua abordagem mais sombria do personagem, que equipara Oliver Queen (alter ego do herói) a um serial killer de bandidos. A expectativa não é pequena. Oliver (ou Ollie como é chamado por tientes) carrega uma base de fãs consolidada graças ao sucesso da série televisiva “Arrow”, exibida durante oito temporadas e responsável por transformar um herói tradicionalmente secundário numa figura de prestígio internacional. A nova encarnação Absolute, escrita por Pornsak Pichetshote e desenhada pelo gaúcho Rafael Albuquerque, promete radicalizar ainda mais esse perfil, tratando do assassinato de magnatas corruptos por um Robin Hood macabro.

A resposta da Marvel, editora rival da DC desde 1961, veio por outro caminho, sintonizado com as séries da editora na Disney+ e com os filmes de seu estúdio de cinema que prometem sacudir bilheterias. Em vez de reinventar seus heróis do zero, a editora apostou na força de suas marcas mais tradicionais. O principal chamariz foi a chegada, em abril (nos EUA), de “Demolidor” (“Daredevil”) nº 1, escrito por Stephanie Phillips e desenhado por Lee Garbett. É uma retomada da natureza mais feroz do vigilante cego da Cozinha do Inferno, nos moldes do que o cultuado quadrinista Frank Miller fez nos anos 1980. Paralelamente a ele, bomba a saga

Death Spiral, com o Homem-Aranha (que retorna às telonas no fim de julho) e chega quente o arco “Armageddon”, com uma nova safra dos Vingadores. Nela, tudo se passa após a queda do Doutor Destino (que ganha longa-metragem em dezembro, com Robert Downey Jr.). Com a debacle dele, o general Thunderbolt Ross assume o controle da nação chamada Latvéria. Rebatizando o país como “Nova América”, ele pretende lançar uma cruzada global para impor a democracia ao mundo, começando por uma pátria livre chamada Symkaria. Contra a vontade da secretária-geral das Nações Unidas, Renata Riani, os Vingadores e o Quarteto Fantástico se unem para deter Ross, enquanto Steve Rogers (o Capitão América) permanece em coma após um confronto recente com o militar. À medida que os heróis recrutam a ajuda do supersoldado David Colton, o Conselho de Segurança da ONU vota pela formação de uma coalizão militar para enfrentar Ross, que se transforma no Hulk Vermelho.

No Brasil, a Marvel nos deu a melhor HQ do ano, em termos estéticos: “Ultimate Wolverine: O Soldado Invernal”, de uma equipe de artistas que une Alessandro Cappuccio, Alex Lins e Chris Condon. Trata-se de uma versão do carcaju de garas de adamantium à sombra geopolítica da extinta URSS. Tão selvagem quanto o X-Man imortalizado aos olhos da cinefilia pelo ator Hugh Jackman é o Justiceiro, que promete sacudir às vendas HQs deste mês, nos Estados Unidos, com o lançamento de

“Punisher” nº 6, escrito por Benjamin Percy e desenhado por Jose Luis Soares Pinto, de carona no média-metragem desse vigilante, com Jon Bernthal, na Disney+.

Embora a revolução Absolute pareça inédita, a indústria dos quadrinhos já viveu explosões semelhantes. Na primeira metade do século XX, Superman, Batman, Shazam e Capitão América transformaram os comic books em fenômenos de massa. Durante os anos 1940, muitas revistas ultrapassavam regularmente a marca de um milhão de exemplares vendidos por edição. Era a chamada Era de Ouro dos Quadrinhos, quando os super-heróis se consolidaram como ícones da cultura popular americana.

O maior sucesso individual da história viria décadas depois. Em 1991, “X-Men #1”, da Marvel Comics, vendeu cerca de 8,2 milhões de exemplares. Logo atrás aparecem “Star Wars #1”, de 1977, e “Superman #75”, mais conhecido como “A Morte do Superman”, que alcançou aproximadamente 6 milhões de cópias. São números que permanecem inalcançáveis para qualquer publicação contemporânea.

Mas o mercado não vive apenas de lançamentos. Em janeiro deste ano, uma cópia de “Action Comics #1”, revista de 1938 que apresentou Superman ao mundo, foi negociada por US\$ 15 milhões, tornando-se a HQ mais cara da história. O valor supera o preço de muitas obras de arte e confirma o status de relíquia adquirido pelos quadrinhos da Era de Ouro.

Na França, a maior surpresa editorial de 2026 não veio de um gaulês, mas de um brasileiro. O álbum “Eldorado”, do niteroiense Marcello Quintanilha, tornou-se um dos primeiros grandes êxitos comerciais do ano no mercado francófono, ampliando ainda mais o prestígio internacional do autor de “Escuta, Formosa Márcia”. A obra acaba de ganhar edição brasileira pela Editora Veneto, reforçando a posição de Quintanilha como um dos quadrinistas nacionais mais respeitados no exterior.

Isso não significa que os gigantes tradicionais tenham perdido força. Um dos álbuns mais recentes do gaulês mais amado das HQs, “Astérix et l’Iris Blanc” (“Astérix e a Íris Branca”), lançado no fim de 2023, ultrapassou a marca de 1,6 milhão de exemplares vendidos apenas na França em seus primeiros meses. Já “Astérix en Lusitanie”, lançado no fim de 2025, manteve a série entre as maiores coqueluches editoriais do continente, preservando um legado iniciado por René Goscinny e Albert Uderzo há mais de seis décadas.

Já no Brasil, embora não as editoras se esquivem quando se investiga números de venda, os mangás dominam as listas de livrarias. Ainda assim, nenhuma marca nacional rivaliza historicamente com a força da Turma da Mônica. Criada por Mauricio de Sousa, a franquia acumula centenas de milhões de exemplares vendidos desde os anos 1960 e permanece como o maior fenômeno editorial da história dos quadrinhos brasileiros.

Hoje, contudo, a fotografia do mercado mundial revela algo que parecia improvável há poucos anos: depois de uma década em que os mangás pareciam invencíveis, um Batman musculoso, brutal e reinventado devolveu os super-heróis americanos ao centro da conversa. E, pela primeira vez desde a pandemia, a pergunta sobre qual HQ vende mais já não tem uma resposta automática vinda do Japão.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

EVENTO

ENERGIA PARA TORCER

*A vitória do Brasil sobre o Japão garantiu a classificação para a próxima fase da Copa do Mundo e mais um dia de festa com fan fest reunindo a transmissão ao vivo da partida entre Brasil e Noruega em telão de alta definição, além de shows de Buchecha, Seu Jorge e Raça Negra. Dom (7), a partir das 13h. Caminho Niemeyer (Av. Jornalista Rogério Coelho Neto, s/nº - Centro, Niterói). Grátis

GOLEARTE

*A arena das lonas da Lapa já esgotou lotação para mais uma partida da campanha da seleção brasileira rumo ao hexa. Vai ter jogo no telão mais apresentação do bloco Me enterra na quarta + DJ Set com Africanoise. Dom (7), a partir das 16h. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa). Grátis

SHOW

KARINAH

*Cantora apresenta o show Damas do Samba, homenagem às grandes vozes femininas que marcaram a história do gênero. No repertório, sucessos imortalizados nas vozes de Beth Carvalho, Clara Nunes, Elza Soares, Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra, Alcione e Leci Brandão. Sex (3), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

COPAS

*O projeto musical de Suzy Ruiz e Theo Bubloz mostra suas canções autorais em show beneficente com arrecadação em prol das ONGs parceiras da CADPets. Sáb (4), às 17h30. Audio Rebel (Rua Visconde Silva, 55 - Boatafogo). R\$ 40

LIZ ROSA E ANTÔNIO GUERRA

*A cantora e o multi-instrumentista se reencontram em duo, após dez anos de projetos próprios. Sex (3), às 19h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824, Tijuca). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

RIO HARP FESTIVAL

*A Orquestra de Gaitas de Foles, de São Gonçalo, e o harpista mexicano Baltazar Juarez apresentam mistura inédita de sons e culturas. Sáb (4), às 15h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis



Como Posso Não Ser Montgomery Clift?



Liz Rosa e Antônio Guerra



Baltazar Juarez

TEATRO

ESPELHO MÁGICO

*Musical apresenta a história dos 60 anos da TV Globo através de seus personagens marcantes. Até 26/7, qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 50 e R\$ 180

COMO NÃO POSSO SER MONTGOMERY CLIFT?

*Solo sobre a trágica jornada do astro hollywoodiano. Até 6/7, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

APOCALIP-SE

*Espetáculo investiga o isolamento pós-pandemia em montagem multimídia que entrelaça teatro, rock e audiovisual. Até 30/8, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 98, Botafogo). Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

INCONDICIONAIS

*Montagem do Grupo Amok mergulha no universo das penitenciárias femininas. Até 19/7, qui e sex (20h), sáb e dom (18h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 21 (sócio Sesc) e R\$ 15 (meia)

MEU FILHO É UM MUSICAL

*Há cinco anos o ator Paulo Gustavo partiu e nos deixa legado que se converte neste musical idealizado por sua mãe, dona Déa. Até 19/7, qua a sex (20h), sáb e dom (16h e 20h). Teatro Multiplan (Av. das Américas, 3900). Entre R\$ 25 e R\$ 360

VENENO

*Montagem baseada em texto de Lot Vekemans mostra o reencontro improvável de dois ex-cônjuges. Até 6/7, qua a sáb e e seg (19h) e dom (18h). Teatro CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

POEMAS

*Neste texto de Gabriel Chalita as delícias do mundo são motor da criação. Até 26/7. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CHICO XAVIER - REENCONTRO

*O pensamento de um dos maiores nomes da espiritualidade brasileira. Sáb (4), às 19h30. Teatro Henriqueta Brieba (Tijuca Tênis Clube - Rua Conde Bonfim, 451). R\$ 60, R\$ 40 (solidário, mediante doação de 1 kg de alimento não perecível) e R\$ 30 (meia)

Divulgação

Divulgação

Divulgação

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Energia Pra Torcer



A Cor de um Sonho

EXPOSIÇÃO

OCUPAÇÃO GRANDE OTHELO

*Exposição reúne acervo de fotografias, documentos, figurinos e objetos relacionados ao ator que abriu caminhos para gerações de artistas negros. Até 30/9, seg a sex (10h às 16h). CE-DOC Funarte (Praça da República, 26 - Centro). Grátis

A COR DE UM SONHO

*Obras de 27 artistas que dialogam com as dimensões do invisível, do intuitivo e do imaginado, oferecendo ao público uma conversa entre palavra e linguagem plástica. Até 25/7, qui e sex (12h30 às 17h) e sáb (10h às 18h). Galeria Dobra/ArtNova (Rua Orestes, 28, 2º andar, Fábrica Bhering, Santo Cristo). Grátis

VIK MUNIZ - A OLHO NU

*Conhecido internacionalmente por criar imagens usando toda sorte de materiais inusitados, tais como açúcar, lixo, chocolate e confetes, o artista plástico paulistano (hoje radicado nos Estados Unidos) recebe a maior retrospectiva de sua impressionante carreira voltada para a sustentabilidade. Até 7/9, qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

OS DOIS LADOS DA JANELA

*Expoente da Geração 80, Daniel Senise abre os segredos de seu ateliê e revela suas pequenas pinturas, trabalhos com os quais experimenta suas técnicas. Até 6/9, ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça Quinze de Novembro, 48). Grátis



Luiz e Nazinha - Luiz Gonzaga para Crianças



Apocalip-se

ZONA DE SACRIFÍCIO

*Fotografia de Isis Medeiros expõe os rastros da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha (MG). Até 1/11, de ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer (11h às 17h). Galeria Mestre Vitalino (Rua do Catete, 179). Grátis

INFANTIL

O QUE A LUZ MOSTRA

*Laboratório oferece experiência com a cianotipia, técnica fotográfica que utiliza a luz para imprimir imagens. Sáb, dom e fer (às 14h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

LUIZ E NAZINHA - LUIZ GONZAGA PARA CRIANÇAS

*Elegia ao Rei do Baião a partir de sua infância. Até 25/7, sáb e dom (16h). Teatro I Love PRIO (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1.110 - Leblon). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

A INTRÉPIDA REVOADA DE MAÇARICA & BATUÍRA

*Duas aves migratórias se reencontram no Carnaval de Olinda para a internada, período em que se fortalecem antes do voo de volta para casa. Até 19/7, sáb e dom (16h). Teatro Zieminski (Av. Heitor Beltrão s/nº, Tijuca). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A LENDA DA NOITE

*Nesta narrativa oriunda da tradição indígena amazônica: jovens guerreiros partem em busca da noite guardada no fundo do rio por um ser encantado, a cobra-grande. Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

HISTÓRIAS DA MINHA TERRA

*Contações de histórias sobre a chegada das primeiras famílias migrantes à região de Canaã dos Carajás (PA). Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

PEQUENÍSSIMAS MÃOS

*Projeção de imagens, música, contação de histórias e máscaras nesta atividade que apresenta os animais da fauna brasileira desenhados nas nossas notas de dinheiro. Dom (13h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

LIVRO VIVO

*Atividade de mediação de leitura que compartilha a experiência de ler um livro inspirada nas exposições em cartaz e ações de patrimônio do CCBB RJ. Dom (16h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

Noites de jazz no aconchego do Leblon

A música instrumental ocupa o Café Pequeno com 11 apresentações entre julho e agosto

AFFONSO NUNES

Paconchegante Teatro Café Pequeno, no Leblon, abre suas portas para o jazz e a música instrumental. É a quinta edição do Festival de Jazz do Café Pequeno. Idealizado por Amanda Bravo, o festival ocupa as sextas, sábados e domingos do mês de julho e os primeiros dias de agosto com programação que reúne saxofonistas, guitarristas, pianistas e intérpretes.

A abertura, nesta sexta (3), fica por conta de Beto Saroldi. O saxofonista apresenta “Vale Night”, espetáculo baseado em seu álbum recente “A Noite é Nossa”, que reúne composições autorais, sucessos de sua trajetória e clássicos internacionais em uma mistura de jazz, funk, soul e groove. Ao seu lado, Bárbara Paiva na voz e violão, Rafael Sena no piano e sintetizador, Regis Alves no baixo e André Amon na bateria.

Dois tributos marcam a edição 2026 e revelam a importância do festival como espaço de preservação da memória musical brasileira. Em 24 de julho, Luana Mallet presta homenagem a Leny Andrade, uma das maiores cantoras da música brasileira, acompanhada por um “dream team” de músicos que trabalharam com a homenageada: João Carlos Coutinho no piano, Jamil Joanes no baixo, Eriavelton Silva na bateria, José Arimatéa em trompete e flugelhorn, e Julio Merlino em saxofone e flauta. O repertório reúne clássicos interpretados por Leny com arranjos de alguns dos mais importantes nomes da música brasileira.

Em 2 de agosto, “Um Som para Milito” homenageia o pianista Osmar Milito com Augusto Mattoso no contrabaixo — par-



Beto Saroldi



Jimmy Santacruz



Victor Biglione



Maurício Einhorn



Luana Mallet



Clau Pomp/Divulgação

Daniela Spielmann



Divulgação

Wladimir Cabanas

ceiro musical de Milito por mais de 30 anos —, Alberto Chimelli no piano e Kleberson Caetano na bateria. A cantora Ilka Villardo participa como convidada especial. O espetáculo revisita standards de jazz e clássicos da bossa nova que marcaram a trajetória do homenageado.

A programação também traz Mauricio Einhorn, considerado um dos maiores gaitistas do mundo e referência fundamental da música brasileira. Aos 94 anos, Einhorn mantém intensa atividade artística e impressiona pela vitalidade e talento improvisador. Autor de clássicos como “Batida Diferente”, “Estamos Ai” e “Tristeza de Nós Dois”, Einhorn é um dos grandes responsáveis pela consolidação da linguagem do samba-jazz e da bossa nova instrumental. Sua apresentação, em 26 de julho, conta com Bernardo Ramos na guitarra e Bruno Aguiar no contrabaixo.

Victor Biglione, guitarrista com mais de cinco décadas de carreira e dois prêmios Grammy, apresenta em 25 de julho “Barney Bossa Kessel Nova”, espetáculo inédito dedicado à obra de Barney Kessel, um dos grandes mestres da guitarra jazz. Biglione atuou ao lado de Milton Nascimento, Chico Buarque, Gal Costa, Djavan, Ivan Lins, João Bosco, Maria Bethânia e Sérgio Mendes. Na apresentação, revisita a obra de Kessel sob perspectiva brasileira, criando diálogo entre o jazz norte-americano e a sofisticação harmônica da bossa nova. Acompanhado por Augusto Mattoso no baixo acústico e Vitor Vieira na bateria.

Ithamara Koorax, eleita 12 vezes uma das melhores cantoras de jazz do mundo pela revista DownBeat, apresenta em 8 de agosto seu “Jazz Project”, reunindo grandes temas que gravou em seus mais de 20 álbuns. Koorax trabalhou com Ron Carter, Tom Jobim, Larry Coryell, Dave Brubeck, Eumir Deodato, Marcos Valle, Guinga, Hermeto Pascoal, Luiz Bonfá e o grupo Azymuth.



Catarina Ribeiro/Divulgação

Leila Maria



Divulgação

Ithamara Koorax



Castelo Branco/Divulgação

Verônica Sabino

Daniela Spielmann, saxofonista, flautista, compositora e arranjadora, apresenta em 10 de julho “Afinidades”, repertório que percorre diferentes vertentes da música instrumental brasileira com composições autorais e obras de grandes mestres do choro. Seu trio é formado por Domingos Teixeira no violão e Rodrigo Vila no contrabaixo.

Em 12 de julho, Neris Rodrigues e seu quinteto “Trombonando” homenageiam o centenário de Moacir Santos em espetáculo que une música brasileira contemporânea, matrizes afro-brasileiras e influências globais. O repertório inclui obras do homenageado e composições autorais da trombonista.

Outras apresentações completam a programação: Jimmy Santacruz Trio e Patricia Bossio em 4 de julho, com standards de jazz, blues e músicas autorais; Leila Maria e Rodrigo Braga em 17 de julho com “Ao Jazz, com Carinho”; Verônica Sabino e Conexão Rio em 31 de julho; Thaís Fraga em 1º de agosto celebrando 33 anos de carreira com “Bossa'n Jazz in Natura”, com participação especial do flautista Fernando Brandão, professor da Berklee College of Music; Liz Rosa e Antonio Guerra em 7 de agosto, em leitura intimista de clássicos do cancionário brasileiro; e Wladimir Cabanas em 9 de agosto, tenor do Theatro Municipal, em homenagem a Frank Sinatra e Michael Bublé.

Com sua estrutura de café-teatro, o espaço permite que a música não seja apenas ouvida, mas vivida, entre taças de vinho ou cerveja, petiscos e a intimidade de quem escolhe estar ali, naquele momento, para aquela música.

SERVIÇO

FESTIVAL DE JAZZ DO CAFÉ PEQUENO 2026

Teatro Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 – Leblon)
De 3/7 a 9/8, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Sem (jamais) tirar os pés da lama

Nação Zumbi volta ao Circo Voador com show de 30 anos de 'Afrociberdelia', álbum fundamental do movimento Manguebeat. Mombojó, também recifense, abre a noite



Nação Zumbi no palco do Circo Voador é garantia de casa cheia

AFFONSO NUNES

O que são três décadas diante de uma obra-prima? Não há como esse espaço de tempo ser suficiente para dissolver o interesse do público em "Afrociberdelia". Atendendo a pedidos, a Nação Zumbi volta ao palco do Circo Voador para celebrar o álbum clássico que marcou a expansão do manguebeat. Após duas apresentações com a casa inteiramente lotada em maio, a data extra ficou para esta sexta (3).

O segundo álbum de estúdio da banda recifense, lançado em 1996 e produzido pelo paulistano Eduardo Bidlovski (Bid), foi o último gravado com Chico Science antes de sua morte trágica em 1997, aos 30 anos, em acidente automobilístico. Se "Da Lama ao Caos" (1994) estabeleceu as bases do movimento manguebeat, "Afrociberdelia" foi sua expansão sonora — um disco de 23 faixas que apostava em diferentes sonoridades com mais tecnologia, psicodelia e batidas de hip-hop, sem abandonar as tradições nordestinas.

É a batida do maracatu e a drum machine, o ritmo ancestral e a experimentação eletrônica, tudo no mesmo tempo e espaço. O disco traz faixas clássicas como "Manguetown", "Macô" e a célebre versão de "Maracatu Atômico", que ganhou novas dimensões com remixes em ragga e trip-hop. A produção de Bid incorporou influências muito além do Nordeste,



Também de Recife, o Mombojó traz seu álbum 'Solar' aos placos cariocas

conversando com o mundo sem tirar os pés da lama — a marca registrada do manguebeat.

No palco, Jorge Du Peixe (vocal), Dengue (baixo), Toca Ogan (percussão), Marcos Matias e Da Lua (tambores), Tom Rocha (bateria) e Neilton Carvalho (guitarra) tocam a obra na íntegra, além de outras pedradas do repertório. É uma formação que carrega a responsabilidade histórica de manter viva a chama de um movimento que, embora tenha surgido em um contexto específico, continua reverberando na música brasileira.

"Na verdade, o tempo não chegou nesse disco ainda não. 'Afrociberdelia' é um disco bem à frente do seu tempo. Se prestar atenção e ouvir ele na íntegra, vai descobrir. Inclusive, percebe-se que o Curupira já tem seu tênis importado,

não conseguimos acompanhar o motor da história, mas somos batizados pelo batuque e apreciamos a bicultura celeste, como já disse Chico Science", disse Jorge Du Peixe, ao falar em maio para o Correio da Manhã sobre a permanência do álbum.

A demanda por ingressos nas duas primeiras noites (8 e 9 de maio) foi tão intensa que levou a produção a abrir uma terceira data. Mesmo sem seu maior pensador, a Nação Zumbi segue na trincheira da resistência contra as desigualdades brasileiras, misturando tradição e modernidade sem macular o DNA nordestino — e o público continua respondendo a esse chamado.

Para esta noite especial, a Mombojó apresenta ao público carioca o repertório de "Solar", seu

novo álbum de inéditas lançado em abril. Seis anos depois do projeto que embalou o filme "Deságua", de Luan Cardoso, a banda recifense retorna com um disco banhado pelo sol de Recife e embalado por referências que vão de ritmos do interior do estado a produtores de países europeus.

Gravado entre 2023 e 2024, "Solar" traz de volta a longa parceria com o produtor Léo D, que integrou o celebrado disco de estreia do conjunto, unido a nomes pernambucanos como a cantora Sofia Freire e o cantor Nailson Vieira, a carioca Letrux, e músicos como Domenico Lancellotti, além de referências internacionais como Laetitia Sadier, da franco-britânica Stereolab, e os produtores franceses Hervé Salters (General Elektriks) e Anthony Malka (Le Comman-

dant Couchê-tout).

Ao longo de oito faixas, o samba e a música popular se fincam como raízes para apresentar novos sons, com inspirações psicodélicas e experimentais. O disco marca uma fase revigorada do grupo, que celebra 25 anos de trajetória. Felipe S., vocalista do Mombojó, explica que "Recife, além de ser nossa cidade, é também de onde tiramos muitas das nossas referências musicais e estéticas. Lugares ensolarados trazem naturalmente uma energia dançante e de festa".

As canções carregam a vontade de sair para dançar e se misturar com as pessoas após o isolamento da pandemia — funcionam quase como remédios para aquele sofrimento.

SERVIÇO

NAÇÃO ZUMBI | AFROCIBERDELIA - 30 ANOS | MOMBOJÓ

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº — Lapa)

3/7, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia e ingresso solidário com 1 kg de alimento não perecível)

Rom Jom/Divulgação

Divulgação

Tem arraiá na lona? Chama o Geraldinho!

Geraldo Azevedo, Josyara e Martins animam festa junina no Circo Voador, uma tradição desde 2009



Gutemberg Brito/Divulgação

Como já é tradição, Geraldo Azevedo comanda o Arraiá nas lonas da Lapa e recebe Josyara e Martins

AFFONSO NUNES

S seja em junho ou julho a tradição junina do Circo Voador segue firme. Desde 2009, a lona da Lapa se enche de música, dança e forró no Arraiá do Circo, festa que reúne nomes consolidados da música brasileira em clima de São João. Neste sábado (4), Geraldo Azevedo comanda a noite mais uma vez, acompanhado por sua banda e convidados especiais.

O repertório percorre sucessos que marcam gerações — de forrós como “Sabor Colorido” e

“Tempero do Forró” até canções que ganharam novos arranjos para a pista dançar, como “Chorando e Cantando”. Não faltam também homenagens a mestres da canção nordestina como Luiz Gonzaga e Dominginhos, além dos clássicos da carreira de Geraldo - um de nossos mais prolíficos

compositores.

A festa conta com participações especiais de Josyara e Martins. O Grupo Zanzar, parceiro desde a primeira edição, abre os trabalhos convocando o público para a roda de côco e a tradicional quadrilha de São João. A pista fica sob comando da DJ Edna, garan-

tindo ritmo contínuo. O encerramento é com Tati a Veras, que avançam madrugada adentro nas carrapetas.

O Circo Voador completa a atmosfera com decoração, brincadeiras e barraquinhas de comidas típicas — aquele clima que só essa noite proporciona.

SERVIÇO**ARRAIÁ DO CIRCO COM GERALDO AZEVEDO**

Data: sábado, 4 de julho de 2026 | Horário: a partir das 20h

Local: Circo Voador — Rua dos Arcos, s/nº, Lapa | Classificação: 18 anos | Ingressos: R\$ 90,00 (meia-entrada) | R\$ 180,00 (inteira)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

**Sofia Hoffman
passeia pelo
bossanovismo**

Sofia Hoffmann apresenta “[In]Love with Brasil” no Blue Note Rio neste sábado (4), às 20h. A cantora, compositora e instrumentista luso-alemã divide o palco com o pianista Jeff Gardner em espetáculo dedicado à bossa nova, jazz e música popular brasileira. O show reúne clássicos do gênero e composições autorais da artista, com marcada influência da MPB.



Divulgação

**Dando voz a
compositoras
marginalizadas**

O Duo Da Juá apresenta “Vozes Silenciadas” no Espaço BNDES nesta sexta (3), às 19h, dentro da série Sextas Instrumentais. O concerto resgata obras de compositoras historicamente marginalizadas, incluindo Mel Bonis, Gabrielle Chaminade, Nadia e Lili Boulanger, Clémence De Grandval e abrasleira Francisca Aquino (1956-2019) cuja obra integra elementos da música clássica e popular.



Erick Mota/Divulgação

**Alberto
Continentino
no Rival**

Alberto Continentino apresenta “Cabeça A Mil e Corpo Lento” no Teatro Rival Petrobras nesta sexta (3), às 19h30. O show celebra um ano do lançamento do álbum homônimo do multi-instrumentista com participações de Dora Morelenbaum, Nina Becker, Letícia Pedrosa, Domenico Lancellotti, Kassin, Rodrigo Cabelo, Quito Ribeiro e Copacabana Horns.



Maria Cau Levy/Divulgação

**Zumbi do Mato
em clima de
improvisação**

A banda cult Zumbi Do Mato apresenta show inédito no Audio Rebel neste sábado (4), às 20h. A apresentação será construída em tempo real, já que parte do repertório da banda para explorar improvisações e novas versões. Um convidado especial de identidade não revelada dividirá o palco com a banda, participando de todas as músicas e da construção do espetáculo.



Divulgação

Negra palavra no negro continente

Coletivo carioca leva três espetáculos, oficina e roda de samba ao Festival Internacional de Teatro do Cazenga, em Angola

Após quase sete anos de trajetória dedicados à valorização da cultura negra brasileira, o Complexo Negra Palavra se prepara para um dos momentos mais simbólicos de sua história: a participação no 21º Festival Internacional de Teatro do Cazenga (Festeca), em Luanda, Angola. A partir desta sexta (3), o coletivo apresentará espetáculos, shows musicais, oficinas e atividades de intercâmbio artístico-cultural, celebrando a resistência afrodiaspórica.

Convidado pelo quarto ano consecutivo pela Associação Globo Dikulu e pelo Centro de Animação Artística do Cazenga (ANIM'ART), o grupo finalmente concretiza uma parceria construída desde 2022, quando recebeu em sua ocupação artística, no Rio, montagens angolanas que deram início a uma relação de troca e colaboração entre os dois países. A ida ao festival em 2026 foi possível por meio do Programa Funarte Brasil Conexões Internacionais e da Bolsa Funarte de Mobilidade Artística Internacional, que viabilizou a circulação do grupo.

Inspirados no pensamento



Paulo Felicíssimo/Divulgação

Complexo Negra Palavra em cena com espetáculo 'Negra Palavra Solano Trindade'

do intelectual quilombola Nêgo Bispo, o grupo acredita que levar um espetáculo de samba, protagonizado por um elenco exclusivamente negro, de volta ao solo africano, é uma missão diplomática.

“Segundo Nêgo Bispo ‘Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece’. Acreditamos que esse projeto reverencia

a profundidade da diáspora africana no Brasil, onde a cultura, cantos, batuques e o culto aos orixás, foram o bálsamo de resistência que permitiu aos povos escravizados manterem o pertencimento.

Para trazer as cores de volta

‘Era uma vez um Tirano’, espetáculo da Cia Cerne, discute liberdade e democracia com público infantojuvenil

Um país colorido onde as pessoas vivem felizes até a chegada de um ditador que resolve apagar tudo — cores, músicas, ideias. O país fica cinza. Quem reclama é preso ou expulso. Alguns fingem concordar. Muito tempo depois, três crianças se encontram e, armadas de imaginação, decidem enfrentar o tirano e devolver as cores à gente. Essa é a trama de “Era uma vez um Tirano”, que a Cia Cerne leva aos palcos do Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF) a partir deste sábado (4).

A montagem é a primeira adap-

tação teatral do livro clássico de Ana Maria Machado, com direção e adaptação de texto de Vinicius Baião — dramaturgo que venceu o Prêmio Shell de Dramaturgia em 2024. As músicas originais são de Beto Gaspari e executadas ao vivo pelo elenco durante o espetáculo. O texto ágil faz da curiosidade infantil uma referência para que o público revise seu olhar sobre o mundo.

O espetáculo apresenta personagens divertidos, ritmo rápido e uma aventura - derrotar o vilão e trazer de volta a alegria -, mas entrega uma



Stephany Lopez/Divulgação

‘Era Uma Vez um Tirano’ estreou em 2018 e acumula vários prêmios

necessária reflexão sobre autoritarismo, conformismo e resistência.

A Cia Cerne faz disso sua marca: espetáculos que fomentam discussão sobre um fazer teatral que toca, de maneira lúdica, em questões sociopolíticas. Esse trabalho continuado rendeu ao grupo o Prê-

mio CBTIJ de Teatro Para Crianças 2022 na categoria especial, justamente pela “pesquisa de linguagem que traz questões políticas e artísticas na criação dos espetáculos para crianças”.

“Era uma vez um Tirano” estreou em 2018 e desde então acumula temporadas em Rio e São Paulo. Mas segue colhendo reconhecimento: recebeu 9 indicações

Dessa matriz ancestral surgiram as principais manifestações culturais do nosso país, tendo no samba seu pilar fundamental de identidade”, diz o o grupo em comunicado.

A programação do Complexo Negra Palavra em Angola inclui os espetáculos “Negra Palavra Poesia do Samba”, “Negra Palavra Solano Trindade” e o solo “Voar é o que me põe de pé”, protagonizado por Olívia Araújo. O grupo também vai conduzir a oficina “Pedagogia Negra Palavra” e realizar a sua roda de “Samba do Negra”. Além das apresentações, toda a experiência em Angola será registrada para a produção de um minidocumentário. As atividades serão realizadas em diálogo com artistas e comunidades locais, promovendo uma troca de saberes entre territórios periféricos que compartilham heranças culturais e desafios sociais semelhantes.

O grupo surgiu em 2019 com o sucesso de “Negra Palavra Solano Trindade”, espetáculo dedicado à obra do “Poeta do Povo”, vencedor dos prêmios APTR (RJ), Troféu Arcanjo (SP) e Leda Maria Martins (MG), com seis temporadas e circulação por oito festivais e nove eventos no Brasil. Em 2023, estreou “Pelada – A Hora da Gaymada”, que conquistou o Prêmio Shell de Teatro (Música) e três categorias do Prêmio Prio do Humor, além de circular por editais e festivais como a Virada Cultural de SP. Em 2025, ampliou sua pesquisa com o infantil “Solãozinho – uma viagem com o poeta do povo”, indicado a prêmios como APTR e CBTIJ. Seu espetáculo mais recente é o “Negra Palavra Poesia do Samba”, que estreou em quadras de escolas de samba, e posteriormente ficou em cartaz em diversos teatros do Rio, recebendo a indicação aos prêmios Shell e APTR.

ao Prêmio CBTIJ e venceu nas categorias melhor ator e melhor visagismo.

Fundada em 2013 em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, a Cerne é considerada uma das principais companhias do país, com mais de 60 prêmios entre os principais do teatro brasileiro — incluindo 13 de melhor espetáculo, 9 de melhor direção e 14 de atuação. No ano passado, foi indicada ao Prêmio Shell pela fundação da Escola Popular de Teatro da Baixada, iniciativa que amplia o acesso à produção teatral numa região historicamente pouco contemplada por políticas culturais.

SERVIÇO

ERA UMA VEZ UM TIRANO
Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 — Centro)
De 4 a 26/7, sábados e domingos (15h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Um dos maiores sucessos de Fernando Meirelles, 'Dois Papas' encerra no Rio a temporada de sua matriz teatral em montagem com Zé Carlos Machado e Celso Frateschi

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Domingo é a última chance de conferir "Dois Papas", um sucesso teatral que, na gênese de sua reputação (das melhores), contou com a colaboração do cineasta Fernando Meirelles e foi ao Oscar. Prestes a lançar (na Prime Video) "Corrida dos Bichos", thriller que dirigiu com Ernesto Solis e Rodrigo Pesavento e exibiu pela primeira vez em março, no SXSW, em Austin (EUA), o diretor de "Cidade de Deus" (2002) vai ter um ano de consagrações diversas.

Sua fama há de se ampliar sobretudo se a Netflix mantiver os planos de lançar "Here Comes The Floor" no segundo semestre. Será uma estreia de olho nas estatuetas de Hollywood, sem dúvida. Nesse thriller de assalto, o diretor de "Cidade de Deus" (2002) contou com dois titãs das bilheterias: Denzel Washington e Robert Pattinson. Daisy Edgard-Jones, outro ímã de plateias, estará com eles em cena.

Mas antes de esse par de novos exercícios cinematográficos cheguem às nossas telonas, um dos maiores acertos do diretor paulista voltará à ribalta, não apenas no www.netflix.com, onde encontrou lar há uns sete anos, mas também nos palcos.

A encenação de "Dois Papas" (2019) ganha holofotes cariocas, no Teatro TotalEnergies (antigo Teatro Adolpho Bloch), depois de uma consagrada passagem pelo Festival de Curitiba.

A direção da montagem nacional é de Munir Kanaan, com base na dramaturgia de Anthony McCarten (sob tradução de Rui Xavier), que concorreu ao Oscar de Melhor Roteiro Adaptado pela produção rodada por Meirelles. O longa tem como gênese a peça "The Pope", que ele lançou no Royal & Derngate Theatre, em 2019.

A trama parte das divergências do Papa Bento XVI, mais conheci-

Nas graças de Deus... e do teatro

CRÍTICA TEATRO | DOIS PAPAS

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



A contracena dos talentosos Zé Carlos Machado e Celso Frateschi é estu-
penda

O excelente texto de Anthony McCarten foi também roteirizado pelo próprio no filme homônimo, com várias indicações ao Oscar, Globo de Ouro e Bafta, dirigido pelo brasileiro Fernando Meirelles. Uma dicotomia eloquente instaura-se: o Papa Bento XVI é um intelectual conservador, com empatia rasurada, responsável pela crise de imagem da Igreja Católica, enquanto o Papa Francisco desvela-se como um progressista, popular, humano, defensor dos empobrecidos e marginalizados.

Discussões sobre casos de pedofilia envolvendo padres, celibato, homossexualidade, ditadura militar, presença das mulheres na hierarquia clerical, desaguam numa profunda humanidade que, apresentam sobretudo, dois homens exaustos da carreira eclesiástica. Na projetada aproximação de ambos, Joseph Ratzinger, o então Papa Bento XVI, projetara seu desembarque da fun-

do como Joseph Aloisius Ratzinger (1927-2022), com o cardeal argentino Jorge Bergoglio (1936-2025), o futuro Papa Francisco, que planeja pedir aposentadoria, em meio a um potencial processo de sucessão na cúpula do Vaticano.

A mudança no comando daquele governo se anuncia quando Ratzinger avalia renunciar ao papado, em meio a pressões crescentes, tornando Bergoglio um sucessor

Dialéticas eclesiásticas

ção, sentindo-se pouco vocacionado e sem o traquejo esperado para elaborar escândalos financeiros no Vaticano, diante do seu rigorismo de dogmas.

Já o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, que viria a ser o Papa Francisco, vai até a Itália inclinado a aposentar-se, apesar da popularidade, mas aflito com um passado que insiste em atormentá-lo por conta de suas posturas na ditadura militar argentina e por discordar das posições do líder supremo mundial da Igreja Católica. Apesar de tensões, o clima de enfrentamento vai além das diferenças. Surpreendentemente, Bergoglio é visto por Bento como um novo modelo ideal, a fim

de reparar seu próprio ideário clerigo, num diálogo equalizado por humor, abnegação e humanização.

Há uma sofisticação na direção de Munir Kanaan que expande-se para toda a extensão da montagem, seja no aspecto plástico quanto no encadeamento das cenas. Mudanças são bem solucionadas com limpeza, imagens reais dos Papas, além do videomapping de André Grynwask, com extremo bom gosto, que enobrece a encenação, como imagens da Capela Sistina, que aquece o espírito, tomando a caixa cênica no olhar estupefato de Bergoglio.

Mas é no poder das interpretações que o espetáculo ganha personalidade. A contracena dos talen-

tosos Zé Carlos Machado e Celso Frateschi é estu-
penda. Duas feras do palco paulistano abrilhantam-se em construções de alta categoria. A audiência permanece impactada pela inteligência cênica e apuro técnico de ambos. Vale ressaltar que a presença poderosa de Eliana Guttman nos faz torcer para que ela volte mais vezes em cena, além da firmeza de Carol Godoy, pelas quais temos a nítida sensação de que seus papéis também representam no palco a negação da liturgia católica.

Estruturas brancas e ascéticas retratam a atmosfera espiritual, na cenografia de Eric Lenate, que proporciona ambiências distintas. O figurino de Carol Roz reproduz a beleza da secular vestimenta religiosa. Beto Bruel corrobora, como sempre, para dar luz exata ao que deve ser focado.

"Dois Papas" é sóbrio e ao mesmo tempo embriaga-se do melhor teatro.

Rafa Steinhauser.

No cinema, "Dois Papas" passou pelos festivais de Telluride e Toronto, antes de passar pelo encerramento da 43ª edição da Mostra de SP. Anthony Hopkins encarna o Papa Bento XVI e Jonathan Pryce representa o Papa Francisco. Ambos concorreram ao Oscar pelo filme, que se instalou de cara na Netflix, onde ainda pode ser visto.

Na montagem de "Dois Papas"

do Rio, a trilha sonora é de Dan Maia, que embala um cenário de Eric Lenate e o figurino de Carol Roz. A iluminação é de Beto Bruel.

SERVIÇO

DOIS PAPAS

Teatro TotalEnergies (Rua do Russel, 804 - Glória)
Até 5/7, sexta e sábado (20h) e domingo (17h)
Ingressos: R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Colheradas de
aconchego

Divulgação

Dos caldos clássicos às receitas inspiradas em diferentes países, as sopas e caldos ganham espaço nos cardápios cariocas

E Bastam os termômetros caírem um pouco para que as sopas e os caldos voltem a ocupar lugar de destaque à mesa dos cariocas. Nesta época do ano, restaurantes investem em menus especiais que passeiam por receitas tradicionais, como caldo verde, abóbora, batata, tomate e feijão, até preparos inspirados em diferentes gastronomias, como os lámens japoneses e as sopas peruanas. A temporada também traz festivais dedicados ao tema e uma variedade de opções para quem busca uma refeição quente, reconfortante e cheia de sabor durante o inverno. Confira abaixo as sugestões que o Correio da Manhã preparou para você:

MERCEARIA DA PRAÇA

Divulgação

MARE MARE

Divulgação

TEVA DELI

Divulgação

PEIXOTO SUSHI

Lipe Borges/Divulgação

MAYA

Lu Mattos/Divulgação

LA CARIOCA CEVICHERIA

Divulgação

TALHO CAPIXABA

Divulgação

DOIS EM CENA

DOIS EM CENA - Com a chegada das temperaturas mais amenas, o restaurante Dois apresenta o seu inédito cardápio de sopas, que será servido diariamente, a partir das 17h. O menu é formado por opções que agradam diferentes paladares: o tradicional caldo verde, preparado com couve, bacon e paio; o creme de tomate, feito com legumes e ervas frescas; o creme de brócolis com couve-flor e requeijão; a sopa de abóbora com catupiry e toque de especiarias; e o creme de feijão branco, que leva ingredientes defumados e ervas aromáticas. Todos os pratos têm o valor único de R\$39,90, incluindo o pão. Shopping Rio Sul (Av. Lauro Sodré, 4º piso, Botafogo). Tel: (21) 2244-2912.

LA CARIOCA CEVICHERIA - Com a chegada das temperaturas mais baixas, a casa apresenta o 'Laca Caldos', menu especial criado para a temporada de inverno. Entre as opções está a Parihuela, tradicional sopa peruana de frutos do mar, com polvo, lula e camarão, finalizada com leite de coco (R\$ 59). O cardápio também inclui o Chupe de

Camarones, sopa de camarão com molho peruano à base de leite de coco levemente picante, servida com ovo pochê (R\$ 55) e Caldo de Baroa, caldo cremoso de batata baroa, levemente apimentado, finalizado com leite de coco, ervas frescas e um toque especial de togarashi (R\$ 42). Rua Maria Angélica, 113 - Ipanema. Tel: (21) 2226-8821.

MARE MARE PANE E VINO, - A sanduicheria, localizada no Shopping Leblon, acaba de lançar a Pomodoro Basilico (R\$ 44,90), uma sopa de tomate com manjeriçã, stracciatella e focaccia artesanal da casa para acompanhar. Endereço: Shopping Leblon - 4º piso - Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Leblon. Contato: @maremare_panevino.

MAYA CAFÉ - Durante o inverno, a casa em Laranjeiras, serve diariamente duas opções de sopas e caldos, sendo sempre uma vegetariana, em um cardápio rotativo que inclui Baroa (R\$ 32), Couve-flor com gorgonzola (R\$ 32), Legumes (R\$ 32), Abóbo-

ra com Gengibre (R\$ 32), Cebola (R\$ 32), Ervilha (R\$ 32), Caldo verde com paio e couve (R\$ 41) e Creme de aipim com frango desfiado (R\$ 41). Todos os caldos são servidos com croutons. Endereço: Rua Professor Ortiz Monteiro 15B - Laranjeiras. Tel: (21) 98895-9280.

MERCEARIA DA PRAÇA - O restaurante português aposta na tradicional Açorda Alentejana (R\$ 59,90) para aquecer os dias de inverno. Típica da região do Alentejo, a receita é preparada com sopa de pão, caldo de bacalhau, caldo de camarão, molho de tomate da casa, lascas de bacalhau, especiarias e azeite extra virgem português, acompanhada de gema de ovo crua. Rua Jangadeiro, 28 - Praça General Osório, Ipanema. Tel: (21) 3986-1400.

PEIXOTO SUSHI - No restaurante japonês, em Botafogo, os clientes contam com o tradicional missoshiro (R\$ 15), tradicional sopa de soja com tofu e cebolinha e o lamen de frutos do mar (R\$ 110), caldo oriental ja-

ponês com massa oriental, Kamono, Naruto e Konuako, camarão, mexilhão, polvo lula e ovo. Rua Dezenove de Fevereiro, 49 - Botafogo. Tel: (21) 99839-3895.

TALHO CAPIXABA - As três casas da rede oferecem diversos sabores de sopas para os dias mais frios. É possível escolher entre Sopa de Abóbora com couve, Cebola, Ervilha, Legumes com frango, Batata baroa e Caldo Verde (R\$43,50 cada). Todas as sopas são servidas com pão francês ou baguete média. Av. Ataulfo de Paiva, 1022 - lojas A e B. Tel: (21) 2512-8760.

TEVA DELI - Tem novidade no cardápio da casa: a tradicional sopa de batata alemã, conhecida como Kartoffelsuppe, prato clássico e reconfortante da culinária germânica. Perfeita para os dias mais frescos, em sua versão vegetal traz alho poró e uai tofu defumado, além da linguiça plant based e pão de fermentação natural (R\$ 48). Av. Nossa Senhora de Copacabana, 1334 - Loja A). WhatsApp: (21) 97874-0081.